

VELHAS BENZEDEIRAS

Marisete T. Hoffmann-Horochovski¹

RESUMO

Este artigo versa sobre a permanência da benção praticada por velhas residentes no litoral do Estado do Paraná. Por meio da história oral, quatro mulheres discorreram sobre suas vidas e seus ofícios, permitindo pensar tanto sobre o benzimento quanto sobre a velhice na atualidade. Elas acreditam que receberam um “dom divino” e dedicam boa parte de seu tempo e energia para curar doenças, males do corpo e da alma. Por meio de suas vozes, encontrei a possibilidade de registrar uma atividade que faz parte da cultura imaterial e que pode desaparecer em muitos lugares. Ademais, o modo de vida dessas mulheres reforça a afirmação de que a velhice no século XXI abrange múltiplas práticas e expressões.

Palavras-chave: Benzimento. Cura. Oralidade. Velhice.

OLD FAITH HEALERS

ABSTRACT

This article is about the permanence of blessings practiced by elderly women residents on the coast of Paraná. Through oral history, four women spoke about their lives and their craft, allowing thinking both about the blessing and aging today. They believe they have received a "divine gift" and devote much of their time and energy to cure diseases, ailments of body and soul. Through their voices, I found the possibility of registering an activity that is part of the immaterial culture and that may disappear in many places. Moreover, these women's way of life reinforces the assertion that aging in the XXI century includes multiple practices and expressions.

Keywords: Blessing, Healing, Orality, Old Age.

¹ Professora da Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral, Brasil. marihoff@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Há muito que se dizer sobre o final da vida no século XXI. No limiar da segunda década, dados do Censo Demográfico de 2010, IBGE, anunciam que a população de velhos no Brasil já contabiliza mais de vinte milhões e meio, o que equivale a 10,8% da população² (DATASUS, 2012). Um crescimento sem dúvida significativo, proveniente da diminuição da taxa de fecundidade e do aumento da expectativa de vida, que promove modificações para além da pirâmide etária.

A redefinição demográfica tem instigado pesquisas e reflexões sobre inúmeras questões inerentes ao processo de envelhecimento e suas implicações corporais, sociais, culturais, econômicas (BEAUVOIR, 1990; BOSI, 2001; BRITTO DA MOTTA, 2002, 2004; DEBERT, 1999).

A questão de fundo é, contudo, a mesma: o que é ser velho? A aparente simplicidade conceitual esconde uma série de significados e de representações que mostram justamente a complexidade da temática. Mas uma coisa é certa: a questão temporal é fundamental para pensar a velhice que se ressignifica a cada instante.

O tempo imprime marcas, promove mudanças no corpo e na alma, redefine prioridades, encerra/transforma projetos, constrói narrativas, aproxima da morte. Talvez por isso a imagem medieval do velho tempo tem ainda tanta força. Saturno (Kronos na mitologia grega) é um planeta longínquo e frio “geralmente representado por um velho lúgubre, indigente, que segura uma foice ou uma pá, uma enxada, um bastão, e que se apoia numa muleta, sinal de decrepitude” (BEAUVOIR, 1990, p. 173). Essa figura do velho tempo se assemelha muito à imagem da morte construída na Idade Média. Representada por um esqueleto vestido de preto que carrega uma foice para tolher vidas e uma ampulheta que simbolicamente revela o término da existência, o fim do tempo individual.

O tempo da velhice mudou, tende a ser maior (pode durar vinte, trinta, quarenta anos ou mais) e melhor; vive-se bem mais e com muito mais qualidade. Mas, a antiga associação morte e velhice reina absoluta na atualidade, até porque respeita o ciclo “natural” da existência humana. E esta é uma das razões pelas quais é tão difícil para pessoas de outras faixas etárias se colocarem no lugar do velho; numa sociedade que nega a morte, eles não querem pensar no seu próprio envelhecer e morrer (ELIAS, 2001). Para os não velhos, a tendência é escamotear a morte, jogá-la, no dizer elisiano, para os “bastidores” da vida social; para os velhos ela é uma realidade iminente, mas a forma de lidar com isso depende da ênfase que o indivíduo dá à vida ou à morte (KOVÁCS, 1992).

² Os dados de 1980 apontavam 7.226.805, o que correspondia a aproximadamente 6% da população. Já em 1990, os números eram de 10.384.803, ou seja, 7,2% do total. Em 2000, 14.536.029 era o total de pessoas com 60 anos ou mais, o que equivale a 8,5% (DATASUS, 2012).

A ênfase à vida é cada vez mais perceptível nas formas de sociabilidade não familiar dos grupos assim chamados de “Terceira Idade” (BRITTO DA MOTTA, 2004). Bailes, bingos, excursões, entre outras atividades, que justificam/significam uma existência. É interessante como em histórias de vida, comumente de mulheres, a presença/participação nesses grupos representa vivacidade... Entre doações de prêmios, escolhas de cartelas, o tilintar e o cantar das pedras, sorrisos e muitas conversas que ultrapassam aquele espaço. No meio de tantos ruídos e sentidos, alguém grita: Bingo! Viva!

Sabe-se que atividades são fundamentais para o indivíduo se sentir vivo, atuante. Grupos e universidades para a terceira idade, associações de aposentados, bailes, entre outros, promovem a possibilidade de estar ativo e se relacionar, sociabilizar, para além do espaço doméstico, do âmbito familiar. Novas formas de convivência, novas oportunidades para quem já não integra o mercado de trabalho, nem precisa zelar pela educação dos filhos (que cresceram), e, muitas vezes, perdeu o (a) companheiro(a) de toda uma vida.

A velhice não é e não precisa ser sinônimo de solidão, tristeza e doença, como apregoa o discurso que dominou até a década de 1970 e ainda se faz presente na “última idade”. Tampouco é expressão fiel da “melhor idade”, do discurso que propaga a alegria, o prazer, as conquistas. Pode mesclar os dois, pode ser nenhum...

As atividades realizadas, não obstante, promovem a sensação de pertencimento, de ser útil, de não ser um peso morto (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008). Entre tantas e novas possibilidades, uma prática antiga é aqui considerada: a benzeção. A princípio, uma prática exercida principalmente por velhas. O que as motiva a manterem seus ofícios? Estará ele condenado a desaparecer com a morte de suas protagonistas e figurar apenas como memória de um “outro tempo”, não muito distante? Como se dá esse ritual de cura? Quais são as doenças, os males tratados pela benzeção? Essas e outras indagações motivaram uma pesquisa sobre velhas benzedeadas e suscitaram as reflexões aqui traçadas.

Em tempo. O benzimento é uma atividade antiga na sociedade brasileira e comumente, mas não exclusivamente, praticada por mulheres. Ademais, costuma ser associada à religião católica, especificamente ao catolicismo popular, e transmitida de geração a geração ou recebida como um “dom divino”. Seu caráter sagrado é evidenciado no gestual e/ou nas rezas das benzedeadas que visam curar doenças, males específicos do corpo e do espírito (SANTOS, 2007; SILVA, 2009). Esse ritual de cura sempre possibilitou formas de sociabilidade e interação entre os membros do grupo social, ainda que em determinados espaços geográficos é cada vez menos comum. A urbanização, a universalização da saúde, o ingresso e permanência no mercado de trabalho, o crescimento de religiões evangélicas que geralmente condenam essa prática e

o desinteresse pelas novas gerações em apreendê-la estão entre os fatores que parecem interferir na sua continuidade. Em muitos lugares, alguns dos quais localizados no litoral paranaense, o benzimento costuma ser feito por velhas. São elas que, por meio da metodologia da história oral, permitem tecer algumas considerações sobre um modo de vida, sobre uma prática de cura e sobre aspectos da relação temporalidade e etariedade no século XXI.

AS VOZES QUE CONTAM HISTÓRIAS (BREVES NOTAS METODOLÓGICAS)

Trabalhar com a metodologia da história oral é extremamente instigante, além de ser uma possibilidade rica de resgate e registro da cultura imaterial, na medida em que permite justamente dar voz aos agentes, neste caso, às benzedeadas³: quatro mulheres que discorrem sobre sua vida e seu ofício e, portanto, fornecem material para as considerações apresentadas. Em suas histórias, o social e o individual estão entrelaçados. Não poderia ser diferente, pois há uma interdependência entre a história social e as biografias individuais, entre “versão” e “fato” (SILVA, 1998), entre memória individual e coletiva (HALBWACHS, 2004).

O trabalho da memória permite a reconstrução do passado, o indivíduo recorda os acontecimentos tendo como referência o “aqui e agora”. Num trabalho de releitura, reconstrói os fatos que marcaram sua trajetória e que estão atrelados à memória do grupo, da coletividade (HALBWACHS, 2004). Por isso, sua importância na análise de determinado período ou temática, tal como atestado no já clássico trabalho de Bosi (2001) sobre memória de velhos em São Paulo.

Com a legitimidade conferida àqueles que, parafraseando Benjamin (1993), muito viveram e por isso mesmo têm muito que contar, os velhos se tornam narradores por excelência. São testemunhas que relatam o observado e o experienciado, “e isso inclui a racionalidade e o não-sentido” (D’AQUINO, 2004, p. 41). Ademais, com mais tempo disponível assumem a função social de ser a memória do grupo (BOSI, 2001).

³ O projeto “Memórias de velhas benzedeadas e/ou curandeiras do litoral paranaense”, nasceu com o intuito de conhecer, registrar e refletir sobre as práticas de benzeção desenvolvidas na região litorânea e que, hipoteticamente, estão em vias de extinção. A escolha do espaço geográfico surgiu da necessidade de conhecer a cultura local, devido a minha atuação docente, e da constatação da presença e reconhecimento dessa prática tradicional de cura. As benzedeadas deste artigo foram identificadas e pesquisadas graças à contribuição de Mariza Ramos, Karina Gomes Ferreira, Elizabeth Oliveira Dias e Mirna Carriel, estudantes do curso de Serviço Social da UFPR – Setor Litoral, que residem respectivamente em Matinhos, Paranaguá e Guaratuba. Ressalto que o projeto ainda está em andamento e que outras benzedeadas estão sendo localizadas e entrevistadas por meio da metodologia da história oral.

Não obstante, a maioria não a exerce, seja por impedimento físico/biológico ou falta de interesse, seja por falta de ouvintes.

As velhas benzedadeiras foram mestres na arte de narrar. Ao lembrar, reconstruíram os acontecimentos; e ao contar, construíram histórias, atribuindo significados. Por meio de suas vozes, a possibilidade de conhecer e registrar uma prática extremamente rica que faz parte da cultura imaterial da sociedade brasileira e que pode, pelo menos em alguns lugares, desaparecer. Por meio de suas histórias, a viabilidade de conhecer um saber popular, que sobreviveu à difusão do conhecimento racional. Por meio de suas mãos, a oportunidade de visualizar uma atividade tradicional de cura que está alicerçada na crença no sagrado.

Por fim, suas vozes e mãos dizem muito de sua condição de velhas que vivem na região litorânea do Paraná – precisamente em Matinhos, Guaratuba e Paranaguá –, e que dedicam seu tempo ajudando as pessoas que as procuram. Uma forma de viver que parece cada vez menos condizer com as (novas) representações e imagens construídas em torno da velhice.

AS MÃOS QUE CURAM (AS VELHAS BENZEDEIRAS)

N. é uma figura admirável de 76 anos⁴. Sua fama ultrapassa as fronteiras do bairro Tabuleiro, onde vive e atua como benzedeira, e se estende por toda a cidade de Matinhos, quiçá pelas cidades vizinhas. Em época de temporada de verão, quando a cidade de aproximadamente trinta mil habitantes recebe mais de trezentos mil turistas, chega a atender 40 a 50 pessoas por dia. O faz de boa vontade e gratuitamente, afinal considera seu ofício um “dom” que recebeu de Deus e que, portanto, não pode ser negociado.

Nasceu na Lapa, nos idos de 1933. Casou, teve filhos, separou e enviuvou. Trabalhou boa parte de sua vida na lavoura e chegou a iniciar, sem muito sucesso, atividades no comércio, mas “*não dava [para] cuidar de armazém e cuidar de benzimento, ou é uma coisa ou é outra*” (N., 76 anos). Desde que mudou para Matinhos, há mais de dezessete anos, dedica-se integralmente à benzeção. Aposentada por idade, faz questão de enfatizar que: “*O povo me ajuda.. um traz um quilinbo de arroz, outro traz um macarrão, o outro traz uma massa de tomate, o outro traz uma verdura, e eles me ajudam, eu não peço, eles que tem vontade*” (N., 76 anos).

Com serenidade, conta que começou a benzer com doze anos, quase que por acaso. Seu pai era lavrador e rezador, mas só lhe ensinou o trabalho da “*roça*”. Um dia,

⁴ A pesquisa de campo foi realizada entre julho de 2009 e fevereiro de 2010.

um rapaz com “*a orelha cheia e podre de cobreiro*”, bateu em sua casa para ser benzido e como seu pai não estava, ela resolveu realizar o procedimento.

Eu ouvi uma voz assim: vai lá no quarto pega a canequinha e benze! Eu fui no quarto peguei a canequinha, peguei água do quarto e benzi. No outro dia o rapaz tava são com a graça de Deus, e daí por fim um foi contando pro outro, e eu fui benzendo... (N., 76 anos).

A atividade de benzeção foi assim apreendida quase que intuitivamente. Até hoje continua usando basicamente o mesmo material que tinha dentro da canequinha de seu pai: água benta e ramos verdes (geralmente arruda). Católica praticante, benze em nome de Deus e dos santos do catolicismo a quem recomenda orações. “*É um dom que Deus me deu. Porque ninguém me ensinou, eu não lido com espírito, com nada...*” (N., 76 anos).

É importante observar que mesmo quando a atividade é apreendida com pessoas do círculo íntimo, parentes ou amigos, o “dom” está presente. Ele pode aparecer tanto na transmissibilidade do conhecimento quanto por meio de evento “sobrenatural”, como sonho ou superação de uma grande dificuldade, por exemplo (ARAÚJO, 2011; SANTOS, 2007). É o caso de N., que “ouviu” uma voz que disse o que e como fazer. Ela se considera escolhida por Deus, assim como todas as benzedeiras que exercem a prática: benzer é uma dádiva e uma obrigação. Por isso, atendem seus clientes ou pacientes sem cobrar nada em troca (LIMA, 2011), mas podem receber doações de alimentos e roupas.

O caráter sagrado do benzimento é geralmente anunciado no próprio espaço físico. Na área externa da casa de N., uma capela com imagens de santos, Nossa Senhora e Jesus Cristo, dispostos em altares simples e com muitas velas acesas. Próximo, uma porta dá acesso ao recinto repleto de imagens sacras, onde a prática é efetuada. Simples, possui apenas um pequeno altar e uma cadeira onde senta o cliente (voltado para o altar e com as mãos abertas em cima das coxas), enquanto recebe a benção e é aspergido com água benta. Ao término, ganha velas para acender na capela. O número de velas e de santos varia de caso para caso. Uma única vela quando tudo corre bem; duas, três, quatro ou mais, quando as coisas estão mais complicadas. São Cristóvão, Santa Rita, Nossa Senhora Aparecida, do Bom Parto, São José e assim sucessivamente. Como bem dizem os ditados populares: “cada santo quer sua vela”; “tal o santo, tal o milagre”.

Destarte, é comum as pessoas que procuram esta velha benzedeira doarem um ou vários pacotes de vela para que ela distribua de acordo com as necessidades. Todos, levando ou não, recebem sua(s) vela(s) para homenagear o (a) santo(a). Além das velas, algumas vezes a recomendação de banhos para afastar o “*negativo*” – “*banho de sal grosso dos ombros pra baixo, de arruda no corpo todo, banho de rosa branca...*” (N., 76 anos).

Mas, por que as pessoas a procuram? Em que situação? Por não se sentirem bem, física e/ou espiritualmente, ou mesmo antes de um evento importante, como um concurso por exemplo. N. elucidou, contudo, que existem algumas doenças que são tradicionalmente tratadas por benzedeiras: **cobreiro, doenças de pele, dor de cabeça, dor de dente, peito aberto, espinhela caída**, entre outras. São as chamadas doenças de benzedeiras ou, então, “doenças de rezadeiras” (SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2011; LIMA, 2011). Geralmente, benze uma única vez, mas “*quando tá muito carregado, muito com inveja, daí eu peço pra vir três dias*” (N., 76 anos).

A benzedeira reconhece que às vezes a reza não é suficiente para tratar alguns males e aí recomenda ao paciente que procure auxílio médico. Na pesquisa de campo presenciei, pelo menos por duas vezes, ela afirmar a premência de consultar um médico, indicando ou a Unidade Básica de Saúde do bairro ou mesmo o hospital Nossa Senhora dos Navegantes, único da cidade. Nesses casos, por mais que a prece ajude, não é suficiente.

Em outras situações, mesmo em caso de machucaduras ou quebrasuras que exigem a chamada costura, a prática pode ser eficiente simbolicamente. Aqui, a velha benzedeira segura um pequeno pedaço de pano que costura, utilizando uma agulha com fio branco, enquanto pergunta: “*O que é que eu coso?*”. Ao que a pessoa responde: “*Carne rasgada, Nervos torcidos, Coluna, Quadril, Torcicolos, Pescoço, Ombros, Peito aberto, Espinhela caída, Os braços, Os fêmur, Os joelhos, As pernas e os pés. Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém!*” (N., 76 anos). Esse ritual, repetido por três vezes, “costura” o machucado e é finalizado com a entoação de um Pai Nosso e uma Ave Maria solicitando a proteção de Nossa Senhora.

N. relata que procedimentos que exigem segurança e precisão nas mãos ela não realiza mais, fazem parte de outro tempo. É o que ocorre com peito aberto (ou arca caída) de bebês. “*Daí benzi muitas crianças, quando não tinha mal de Parkinson⁵ eu punha peitinbo aberto das crianças no lugar, agora eu não faço mais porque eu tenho mal de Parkinson e tremo muito*” (N., 79 anos). Aqui, um indício de como a sua condição de velha doente pode interferir na sua prática.

O benzimento é, não obstante, seu ofício. Ele lhe garante a identidade e o sentimento de pertencimento, por isso quer benzer até morrer. E o faz sem nenhum tipo de distinção. Benze inclusive fotos e roupas e animais. O único critério: respeitar a ordem

⁵ O mal de Parkinson é comumente associado ao processo de envelhecimento, apesar de não atingir apenas idosos. De acordo com a Wikipédia, é “uma doença degenerativa do sistema nervoso central, com início geralmente após os 50 anos de idade. É uma das doenças neurológicas mais frequentes visto que sua prevalência situa-se entre 80 e 160 casos por cem mil habitantes, acometendo, aproximadamente, 1% dos indivíduos acima de 65 anos de idade”.

de chegada. No exercício de sua função, conheceu muita gente na cidade, pobres e ricos, anônimos e personalidades públicas. Sua casa é um ponto de encontro e de solidariedade. Recebe doações para a comunidade e organiza anualmente uma festa para Cosme e Damião que costuma reunir, segundo seus cálculos, mais de 600 crianças. Essa é sua vida: uma história de dedicação e abnegação.

M.P.⁶, 73 anos, também é moradora de Matinhos, onde vive há aproximadamente sessenta anos. Natural do interior paranaense, chegou à cidade ainda adolescente e nela construiu praticamente toda sua história. Aposentada, trabalhou como merendeira na maior escola estadual da cidade. Tem orgulho de ter trabalhado na rede educacional, apesar de não ter estudado, e de ter filha e neta professoras.

O trabalho remunerado não impediu sua atuação como benzeadeira. Aprendeu a prática com seu pai durante dois anos: “*Daí quando ele morreu, eu já tava com 16 anos (...) eu aprendi muita coisa com ele*” (M.P., 73 anos). A partir de então, nunca parou de benzer: curou quebranto de crianças, tirou dor de cabeça, receitou chás, fez costuras... Só não fechava peito aberto por ter dó da criança que costuma chorar de dor.

A benzeadeira conta que a dor de cabeça, por exemplo, pode ter várias causas. No caso de ser proveniente de sol na cabeça: “*põe num vidrinho com água e três... [dentes] de alho, põe um pano branco aqui na coroa da cabeça e daí vai benzendo...*” (M.P., 73 anos). As diferenças no gestual e na reza não se refletem, porém, no objetivo de tratar os males físicos e espirituais.

M.P. também orienta seus clientes para procurarem auxílio médico quando necessário. Aqui também se faz a diferença entre as “doenças de benzeadeiras” e as “doenças de médico”. Conta de uma moça que seguiu seu conselho e descobriu que tinha um sério problema no estômago. Depois de curada pela medicina, voltou para lhe agradecer.

O contrário também pode acontecer, falou com tranquilidade. O médico tanto pode encaminhar para uma benzeadeira quanto procurá-la para receber a benzedura. Foi o caso de um médico de Curitiba que a procurou por conta de uma “machucadura”, que o impedia de andar: “*... desembarcaram ele daí do carro (...) tiraram ele pra ele vim aqui pra dentro e fazer remédio pra ele. E ele foi, e foi curado, e daí ele gostou muito...*” (M.P., 73 anos). Foi curado com a costura, tal qual praticada por dona N., e com o uso de Arnica, que atua como anti-inflamatório e é bom para cicatrização.

Dois considerações são aqui importantes. A primeira diz respeito à crença no benzimento. A fé do paciente/cliente no procedimento e no poder da benzeadeira, que recebeu um dom divino, e o reconhecimento do grupo são fundamentais para que a cura seja efetivada (LÉVI-STRAUSS, 2008; LIMA, 2001). A segunda se refere à eficácia das

⁶ Pesquisa de campo realizada em novembro de 2009 e janeiro de 2010.

plantas em tratamentos terapêuticos, comprovada pelo conhecimento científico. Muitas benzedadeiras, a exemplo de M.P., conhecem suas propriedades por meio de um saber popular, transmitido oralmente de geração a geração. É comum trabalhar com as plantas que encontram em sua região, quando não no seu quintal, conforme já dito por Silva (2009).

Por fim, M.P. disse que nenhum de seus filhos quis aprender a realizar benzeção. Apenas uma neta, que vive em Curitiba, demonstrou interesse e aprendeu algumas coisas sobre as plantas, e não sobre as rezas, mas para uso próprio.

M.R.⁷, 62 anos, vive numa pequena comunidade rural do município de Guaratuba, formada por trinta famílias, que desenvolve agricultura de subsistência e artesanato. Como boa parte dos moradores mais antigos, foi lá que nasceu e cresceu, trabalhando na lavoura e tecendo cipós, e é lá que pretende morrer. Pratica a benzeção, presente em sua família desde o tempo de seu avô, há mais de vinte anos. Aprendeu com a sua madrinha, que temia que a prática se perdesse com sua morte e hoje procura repassá-la para uma das filhas que, segundo ela, demonstra ter muita sensibilidade. Ressalto que o fato de ter uma aprendiz pode estar relacionado ao próprio modo de vida da comunidade, que tem seu ritmo ditado pela produção artesanal e que está geograficamente distante do meio urbano. A comunidade é pobre e os moradores só procuram a saúde pública em caso de necessidade extrema. A maioria dos males é tratada pela benzedeira e por conhecimentos oriundos do saber popular.

M.R. atende todos que a procuram indistintamente. Em semanas mais movimentadas chega a benzer até seis pessoas, inclusive de cidades um pouco mais distantes, como é o caso de Curitiba. Para ela, o benzimento é uma obrigação e uma realização. Gosta de ajudar as pessoas e se sente renovada ao final de cada sessão, pois recebe “força” e “boas energias”. Costuma benzer pessoas com dor de cabeça, dor no corpo, cobreiros, “sapo de cová” (afta), entre outras.

Em seu ofício, não só as orações faladas são fundamentais. Utiliza instrumentos como, por exemplo, a faca e a garrafa, para benzer afta e dor de cabeça respectivamente. São arsenais, que juntamente com as rezas, permitem com que realize “sua missão” de curar males do corpo e do espírito (SILVA, 2009).

Nesse sentido, a benzedeira narrou uma história que a impressionou muito. Um jovem rapaz a procurou reclamando de fortes dores de cabeça. Ela misturou numa garrafa de água, três dentes de alho e arruda e colocou na cabeça do rapaz. A água borbulhou, o que indica a seriedade do caso. Rezas faladas e o líquido derramado sobre

⁷ Pesquisa de campo realizada em março de 2012.

a cabeça do paciente complementaram o ritual de cura. Foram necessárias nove sessões para garantir a eficácia do benzimento, que é legitimado pela comunidade.

A fé é tanta que a própria M.R. consultou um médico pela primeira vez somente em 2005. Antes não tinha tido nada que justificasse, no seu entender, procurar pelo saber médico. E olha que teve nove filhos, todos nascidos em casa com auxílio de parteira. Agora, por conta da diabetes e do colesterol alto, segue tratamento médico.

M.R. não pensa em parar de benzer; é um ofício que pretende exercer até a sua morte. Para ela, a morte é um processo natural que não causa medo nem espanto; “*a morte é uma moça muito bonita, que quando Deus manda vem nos visitar*” (M.R, 62 anos). Quando vier, o ideal é que outras mãos, preferencialmente de sua filha, continuem curando por meio da benzeção.

Por fim, resta tecer alguns comentários sobre uma última velha senhora que se dedica a tarefa de curar. M.⁸, 85 anos, nasceu em Laguna/SC, mas mora em Paranaguá desde seus quatorze anos de idade. Diferentemente das outras benzedeadas aqui apresentadas, ela é atualmente mãe-de-santo da Umbanda, ou seja, pratica a cura recebendo entidades espirituais, mas faz questão de ressaltar a linha branca: “*o meu não é terreiro pra maldade (...) não gosto*”, afinal “*Deus é amor!*”. Semelhantemente, foi criada no catolicismo e começou a benzer muito cedo, ainda menina de oito anos de idade. Desde então sempre disponível a ajudar ao próximo afastando males espirituais e corporais.

M. mora próxima à região central da cidade. No antigo terreno, quatro casas de alvenaria, construídas com pouca distância entre si, abrigam parte de sua família e seu “espaço de cura”. Uma grande sala com pouca mobília: alguns quadros, incluindo de um Preto Velho que é seu “*santo de cabeça*”, cadeiras e um altar. Este, encostado no centro da parede principal, possui várias imagens sacras, entre as quais se destacam Nossa Senhora Aparecida e o Sagrado Coração de Jesus. Disse que sempre que pode participa das festas católicas, especialmente da de Nossa Senhora do Rocio, e que seu guia protetor, “*fez*” sua cabeça desde criança. Por isso, conta que seu cabelo nunca cresceu... Ela própria mulata, de cabelo crespo.

Uma cortina azul separa o ambiente em dois espaços distintos: um visível e outro reservado; um sagrado e outro profano; a devoção e o divertimento. Enquanto o lugar sagrado é para manifestação da fé, o profano, por assim dizer, armazena fantasias e materiais carnavalescos. Líder da ala das baianas, da escola mais antiga da cidade, é presença marcante no carnaval e tem, inclusive, um samba em sua homenagem: “*Ab ela chegou (...) foi batizada na Babia, com a Mãe Menininha do Gantois. Salve São*

⁸ Pesquisa de campo realizada em agosto de 2011.

Jorge Guerreiro, Salve Cosme e Damião, Salve a M., em frente à procissão (...)
Roda baiana, alegria geral, vamos brincar no carnaval...” (M., 85 anos).

Espaços que significam sua existência e que propiciam formas de sociabilidades... E é por eles que é conhecida na cidade e em outros lugares: como benzedeira e mãe-de-santo, membro da sociedade espírita, que faz rituais de cura e aconselha todos que a procuram; e como participante ativa da comunidade carnavalesca.

M. também esclarece para muitos de seus clientes a necessidade de procurar ajuda médica. “*Eu receito ervas, eu receito mato (...) eu pego o mato, faço o chá...*”, mas o médico receita remédios e é fundamental para quem tem problemas sérios de saúde. O médico trata do corpo e ela cuida do todo, mas principalmente do espírito. “*Santa Bárbara, espada de São Jorge, arruda, guiné, alecrim, comigo ninguém pode...*” são exemplos de ervas utilizadas para garantir a “*paz espiritual*” (M., 85 anos).

Essa velha curandeira⁹ vivencia o envelhecimento com tranquilidade e “*muita saúde*”. Levanta às seis horas da manhã e logo começa a trabalhar: “*Eu atendo todo dia pra você ter uma ideia, quarenta, cinquenta, sessenta pessoas (...)* Não tenho feriado, não tenho noite, não tenho dia. Se baterem na porta três horas da madrugada (...) eu vou atender com o coração aberto...” (M., 85 anos). Abdicou de seu tempo em função dos outros: “*Não tenho hora pra almoçar, não tenho hora pra jantar, não tenho hora pra descansar, não tenho hora pra nada, mas tudo isso com amor...*” (M., 85 anos). Há sessenta anos sua história é escrita neste ritmo intenso de dedicação e auxílio a todos que a procuram, indistintamente.

Em comum, essas velhas benzedeiros acreditam que receberam um dom divino e, por isso mesmo, não podem parar de benzer (SANTOS, 2007). Receber aqui implica em dar, ou melhor, em curar, por meio de suas mãos e de suas vozes. Daí a gratuidade de seus serviços. Daí a permanência de suas rezas, mesmo quando seus corpos sinalizam cansaço ou problemas inerentes ao envelhecer.

Seu ofício muitas vezes lhes tolhe a possibilidade de participar de outras atividades, incluindo grupos de terceira idade. Seu tempo não lhes pertence. Mas não conseguem visualizar outro modo de vida para si próprias. É sua prática que lhes garante sua identidade, sua sensação de pertencimento na comunidade, seu lugar no

⁹ Apesar de utilizar os termos benzedeira e curandeira como sinônimos, é importante destacar que o primeiro se refere ao uso de rezas e elementos do catolicismo popular (SOUZA, 2007; SILVA, 2009), e o segundo pode estar associado também à outros elementos religiosos/mágicos. No caso desta pesquisa, somente M. é devota da Umbanda, que traduz o sincretismo religioso reunindo elementos do catolicismo, do espiritismo e de religiões afro-brasileiras.

mundo. Sem ela, não se reconhecem; parar de exercê-la significa morrer, mesmo que simbolicamente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O modo de vida dessas mulheres é algo *sui generis*. Praticam uma atividade que no “tempo antigo”, parafraseando a linguagem utilizada por muitos velhos, era muito comum e hoje cada vez mais rara, pelo menos nas grandes cidades. Atividade que sobreviveu por meio da oralidade e da crença no poder da reza. Vivenciam a velhice da mesma forma que velhas benzedeadas de outras épocas: ajudando quem as procura. Mas, considerando as estatísticas, vivem mais e melhor.

O tempo parece que não imprimiu nessas velhas as mesmas mudanças que promoveram novas formas de envelhecer. Imprimiu marcas corporais, sem dúvida, perceptíveis também nas mãos e nas vozes. Trouxe problemas inerentes ao envelhecimento, aqui visto sempre como algo natural. Mas, o modo de vida em si parece caracterizado pela atemporalidade.

Isso nos remete a duas considerações importantes. A primeira diz respeito justamente à questão do envelhecer. Os discursos que predominam apontam ou para um período eivado de realizações e possibilidades ou para uma etapa na que há perda de autonomia, doença, solidão. De um lado a “melhor idade”, de outro, a “última idade”. Desconstrução e fortalecimento social da idade cronológica. “Assim, duas categorias são socialmente construídas: a do ‘jovem’ velho que sobrevive aos augúrios do tempo e a do ‘velho’ velho que se curva sob seu peso, reencarnando a associação medieval, exposta por Beauvoir (1990), do velho-tempo” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008, p.111).

A necessidade de considerar a heterogeneidade do processo, a pluralidade de experiências, *as* e não *a* velhice tem sido apontada por inúmeros autores nas últimas décadas – a título de exemplo citamos as discussões de Éclea Bosi (2001), Alda Britto da Motta (2002; 2004), Guita Debert (1999). Mas ainda há muito que fazer, até porque os discursos estão presentes nas representações sociais e nas políticas públicas. Reconhecer a complexidade inerente ao envelhecimento e as inúmeras possibilidades de vivenciar o final da vida no século XXI é um passo assaz importante num país onde a população de velhos é cada vez maior.

A segunda consideração se refere ao fato de os velhos serem importantes testemunhas da história, como já atestou D'Aquino (2004). Neste caso, velhas que desenvolvem a importante função de serem “guardiãs da memória” (SILVA, 2009), por meio de suas vozes que professam orações e contam histórias, a possibilidade de registrar uma prática enraizada na cultura brasileira.

É importante destacar que movimentos de resgate são cada vez mais presentes. Vale mencionar um trabalho – propiciado por um Programa de Apoio e Incentivo à Cultura, da Fundação Cultural de Curitiba – que identificou as benzedeadas tradicionais da capital paranaense, reconhecidas como tal em suas comunidades e registrou suas práticas (SILVA; REINHARDT, 2009).

Outro trabalho extremamente importante foi propiciado pela iniciativa das próprias benzedeadas do interior paranaense que organizaram o MASA – Movimento Aprendiz da Sabedoria. A ideia inicial era possibilitar a comunicação entre as benzedeadas, romper com preconceitos, valorizar e fortalecer a prática da atividade. O movimento deu tão certo que, após o levantamento das benzedeadas/curandeiras(os) nas cidades de Rebouças e São João do Triunfo (133 e 161 respectivamente), a atividade se tornou oficialmente reconhecida (SILVA, 2012). Ademais, o mapeamento das benzedeadas efetuado pelo MASA conquistou em 2011 o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), na categoria “salvaguarda de bens de natureza imaterial” (IPHAN, 2011).

Iniciativas como essas são essenciais para o (re)conhecimento, valorização e, quiçá, manutenção da atividade de benzedura em tempos atuais. É claro que há inúmeros obstáculos. O saber médico, proveniente do modelo biomédico, tem reservas com essa forma de saber popular, na medida em que pode inibir a busca por tratamento especializado. A velha dicotomia entre conhecimento científico/racional x conhecimento popular teima em persistir. O interessante seria o diálogo entre os saberes, sua complementaridade. Afinal, como bem disse Santos (2007), muitas pessoas vão ao médico e à benzedeadas ao mesmo tempo.

Outras barreiras também devem ser mencionadas: o crescimento das religiões evangélicas que geralmente condenam essas práticas, assim como o uso de imagens ou a evocação dos santos – os crentes comumente não têm uma relação “amistosa” com as benzedeadas (SANTOS, 2007); o processo de urbanização que (re)define novos ritmos e relações sociais; o sistema de saúde que, diferentemente de outrora, tornou-se universalizado, embora o fácil acesso, principalmente nas cidades, não garante necessariamente qualidade; o desinteresse dos jovens em apreender o benzimento que exige um comprometimento muito grande e não tem nenhuma remuneração econômica¹⁰.

Finalizando, volto para as protagonistas deste texto. Não é possível saber se vão conseguir transmitir seu ofício. Somente a que vive na comunidade rural tem a filha como possível herdeira. Mas enquanto puderem, enquanto sua condição permitir e o

¹⁰ Comentários mais precisos exigiriam reflexões que fogem ao escopo deste artigo.

tempo da vida não cessar, suas mãos e vozes continuarão ativas... benzendo, rezando, contando histórias.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Fabiano Lucena de. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. N. 18, p. 81-97, set. de 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/>>
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ *Magia e arte, técnica e ciência*. Obras escolhidas. Vol I, São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M.C.de S; COIMBRA JR. C.E.A (orgs). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- _____. Introdução – Dossiê Gênero, idades e gerações. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 349-355, Set. /Dez., 2004.
- D'AQUINO, Nora. *No bico do corvo – nove narrativas de velhos: corpo e voz*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Sociologia. Curitiba: UFPR, 2004.
- DATASUS. Informações de saúde demográficas e socioeconômicas. *População residente Brasil*. Disponível em: <www.datasus.gov.br>. Acesso em: 23/07/2012.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. *Memórias de morte e outras memórias* (lembranças de velhos). Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2008.
- IPHAN. Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Categoria Salvaguarda de bens de natureza imaterial – *Mapeamento social das benzedeiras dos municípios de São João do Triunfo e Rebouças do Estado do Paraná*. Proponente: Movimento dos Aprendizes da Sabedoria. Irati/PR. 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia In: _____ Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA, Widney Pereira de. *Reza e cura: uma etnografia de rezadores em Benjamin Constant – Amazonas*. 35º Encontro Anual da ANPOCS. GT 31 – Saúde, emoção e Moral. Disponível em: < <http://www.anpocs.org.br>>

KOVÁCS, Maria Júlia (Coord). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

SANTOS, Francimário Vito dos. *O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em cruzeta/RN*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SILVA, Claudia Santos da. *Rezadeiras: guardiãs da memória*. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>>

SILVA, Marcelo K. Uma introdução à história oral. In: Pesquisa social empírica: métodos e técnicas. *Cadernos de Sociologia*, v.9. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998.

SILVA, Maria Gizele da. Ajuda pelo toque das mãos. *Gazeta do Povo*. Vida e cidadania. Curitiba, 02/05/2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1250174>>

SILVA, Victor A. G.; REINHARDT, Juliana C. (orgs). *Benza Deus! Benzedeiras em Curitiba: modernidade e tradição*. Curitiba: Ed. do autor, 2009. Disponível em: <http://www.maquinadeescrever.net.br/wp-content/uploads/2011/04/benza_deus_relatorio_de_pesquisa-.pdf>

WIKIPEDIA. *Mal de Parkinson*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Doen%C3%A7a_de_Parkinson> Acesso em: 25/07/2012.